

**III Congresso Internacional e V Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020
Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguística.**

**A RELEVÂNCIA DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA
PARA NOSSA EDUCAÇÃO: ABRANGÊNCIA E
REPRESENTATIVIDADE NA PROSA DE GENI GUIMARÃES**

Ângela da Silva Gomes Poz¹

Resumo

Este estudo propõe uma análise da literatura negro-brasileira de Geni Guimarães, de modo a destacar a sua relevância à nossa Educação de forma abrangente: quer pela diversidade do conteúdo de sua escrita, quer pela possibilidade de a mesma suscitar reflexões que podem ser compartilhadas em quaisquer níveis de ensino e alcançada por leitores de variadas idades. Geni Guimarães é uma premiada escritora negra brasileira, que optou por abraçar a temática da negritude em sua obra, uma vez que representa a sua própria história em obras ficcionais autobiográficas como **Leite de peito** (2001) e **A cor da ternura** (2018), em que ainda registra com maestria experiências de sua vida como professora, num país ainda tão desigual e racista como o nosso, revelado com sutileza em suas letras de mulher negra, oriunda do interior do Estado de São Paulo, filha de uma família de trabalhadores, de cujo seio ela herda os valores ancestrais (especialmente incorporados na figura materna), e da Educação, para transpor as barreiras impostas pelos preconceitos. Com reminiscências de sua infância e de sua formação nas referidas obras e com enredos que envolvem o universo da criança nos livros que vão da categoria infantojuvenil para todas as idades, como **Aquilo que a mãe não quer** (2014) e **O pênalti** (2019), a autora constrói narrativas que induzem a reflexões várias, caras à Educação, como a importância dos laços

¹Mestra em Letras – Literatura Brasileira e Teorias da Literatura (UFF); Professora de Língua Portuguesa e Literatura (IFF); E-mail: angelasgpoz@gmail.com

familiares, dos saberes que vêm do ensino escolar e dos que vêm das tradições populares, do afeto aprendido na convivência com as diferenças e em que ponto ele pode elevar e unir as pessoas, numa aprendizagem ampla de mundo, acerca da realidade da população negra em nosso país e do fazer pedagógico frente às injustiças sociais decorrentes do racismo estrutural. Levantando questões que perpassam interseccionalidades – raça, classe e gênero, a obra de Geni Guimarães (neste trabalho, abordamos livros em prosa) possibilita um encontro do Brasil real consigo mesmo, do leitor que se identifica com a realidade retratada e do que passa a conhecê-la pelo meio privilegiado de criação de empatia que é a literatura cuja linguagem é elaborada por uma escritora que (re)conhece, pela experiência vivenciada na própria pele, como mulher, negra e professora, o quanto nossa Educação carece dessa representatividade para abrir caminhos à mesma em todos os âmbitos sociais. Objetivamos, com breves abordagens das obras supracitadas, elencar, na prosa de Geni Guimarães, alguns pontos imprescindíveis para o ensino da História e da Cultura Afro-brasileiras na escola básica, conforme a Lei 10.639/2003, e para a formação cidadã mesmo fora da sala de aula, onde quer que se travem as lutas pela igualdade de direitos, fortalecendo as resistências do povo negro.

A literatura negro-brasileira de Geni Guimarães para uma Educação libertária

Um dos maiores nomes da literatura negro-brasileira e uma das principais vozes pioneiras do movimento progressista de escritoras negras que hoje se firmam em nossas letras, Geni Guimarães é autora de dez livros, entre poesia, contos e infantojuvenis. Recebeu o Prêmio Jabuti, pela obra **A cor da ternura**, em 1990, quando muito menos se ouvia falar de temas como negritude, racismo e feminismo no Brasil. Retumbantes vozes negras femininas que, naquela época, já expunham pesquisas, teorizavam e invocavam à luta por justiça e igualdade no meio intelectual, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, apenas recentemente começam a reverberar nos âmbitos acadêmicos brasileiros. Na literatura, Geni Guimarães conseguiu ultrapassar o cerco hegemônico branco e masculino desde então, construindo uma obra cuja qualidade vai do cuidado com

a escrita ao caráter testemunhal de quem viveu nossa História recente, à margem dos espaços de poder privilegiados e excludentes.

Geni Mariano Guimarães nasceu em São Manuel, na fazenda Vilas Boas, interior de São Paulo, em 1947. Ainda na infância, começou a compor textos e versos que vieram, posteriormente, a ser publicados em jornais da região. Começou a publicar livros com recursos próprios e sempre fez de sua literatura um espaço para o relato de suas vivências como uma expressão que não se fecha em si, mas abarca toda uma coletividade. Temas que envolvem o ativismo contra o racismo e em favor da valorização da história e da cultura afro-brasileiras perpassam toda a sua obra.

A publicação do primeiro livro, **Terceiro filho**, de poesias, foi em 1979. Continuou publicando, com recursos próprios, mas o reconhecimento em nível nacional ocorreu em 1988, quando a Fundação Nestlé de Cultura, após o impacto do seu depoimento na 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, publica, em 1989, seu livro de contos **Leite do peito**, e, quando, em 1990, vence o Jabuti, com **A cor da ternura**. Além desses livros, Geni Guimarães publicou mais sete, três de poesias e quatro infantojuvenis. Elencamos quatro para analisarmos a importância de sua obra para a Educação brasileira, mediante a sua abrangência.

Para introduzir essa breve análise, convém frisar que, a partir da Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 – História e Cultura Afro-brasileira – torna-se obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, de todo o Brasil, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Esses conteúdos, segundo a Lei, devem ser ministrados em todas as disciplinas, mas cita especialmente as áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Dessa forma, cabe aos estabelecimentos de ensino e aos professores sua observância para se pôr em prática o que a Lei exige.

Desde a sua promulgação (BRASIL, 2003), o que já faz dezessete anos, houve pouco avanço para seu cumprimento, embora acreditemos que, sem ela, muito menos ou quase nada haveria de mobilidade nesse sentido, como era até então. Ouve-se muito que há ainda pouco material para esse trabalho em sala de aula, mas, em se tratando da Literatura, felizmente podemos verificar que temos já um considerável acervo sendo construído há muito tempo, inclusive bem antes da existência Lei, como pode confirmar a obra de Geni Guimarães.

Essa Lei, cujo texto foi ampliado pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008 – História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena – que acrescenta o estudo da história e da cultura indígena, menciona o termo “afro-brasileira”, mas também, então em um sentido mais restrito, “a luta dos *negros* no Brasil”, “a cultura *negra* brasileira e o *negro* na formação da sociedade nacional”, além de “a contribuição do *povo negro* na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do *povo negro* [...]” (BRASIL, 2003, grifos nossos). Importante ressaltar tais expressões da legislação para também justificarmos a expressão *literatura negro-brasileira* em nosso estudo, quando nos referimos à obra de Guimarães, que abrange todos os aspectos mencionados na Lei.

A expressão *literatura afro-brasileira*, segundo Cuti (2010), não é tão específica, porque abarca a obra de indivíduos com origem ou ascendência africana, independentemente de sua cor ou comprometimento com a causa dos negros. Já a *literatura negro-brasileira* refere-se a obras que, além de serem produzidas por negros, trazem em si uma identificação com o povo negro e suas lutas, além das relações existentes com o continente africano. Conforme o referido autor, “a produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socioideológico de onde esses produzem” (CUTI, 2010, p. 33).

Ao expor em sua obra, com caráter autobiográfico, suas vivências de mulher negra, de modo a denunciar as variadas opressões que enfrenta, desde criança, motivadas por essa condição numa sociedade racista, Geni Guimarães expõe essa subjetividade em sua escrita, com propriedade e representatividade. Ainda segundo Cuti (2010),

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (*Ibidem*, p.87, 89).

Tendo uma escrita que assume a militância anti-racista de forma muito potente e ao mesmo tempo singular, porque traz em seu cerne a ternura, Geni Guimarães se inclui exatamente no que refere a citação acima. Ela mesma

declara: “ao entrar, pouco mais tarde, em contato com a poesia negra, meu trabalho ficou mais definido por motivos de identidade” (GUIMARÃES, 2018, p. 92), evidenciando que se identifica com o que cria em sua ficção, buscando na memória e nas suas próprias formas de pensar, de sentir e de falar, a inspiração para as *escrevivências* que produz.

Geni Guimarães escreve a partir do lugar de fala de uma mulher negra brasileira, de origem humilde, do interior, que enfrenta muitos obstáculos na vida, com o apoio de sua família, para se formar como professora e lutar pelo sonho de publicar seus livros. A abrangência de sua obra, que muito importa à Educação, baseia-se também nesse *locus* social dela, do ponto que ela parte para existir no mundo, de acordo com suas próprias experiências (RIBEIRO, 2019), uma vez que há um enorme contingente de alunos, professores e brasileiros em geral que se identificam com essas lutas e podem se aproximar da literatura por identificação com essas experiências expressas na ficção também.

Dessa forma, destacamos a importância da literatura negro-brasileira para a nossa educação, num país que ainda amarga índices ínfimos de leitura, especialmente literária – o que pode ser revertido na escola, ainda mais que na família – principalmente se houver acesso aos livros e, quando esses estiverem ao alcance das mãos, estejam também aproximando o leitor da percepção da realidade do país e da sua própria realidade, por meio do conhecimento das injustiças sociais, do que vive e sente a população negra no Brasil, além de suas origens africanas, culturas e contribuições na formação do povo brasileiro. Nesse sentido, ler Geni Guimarães e ter a sua literatura em sala de aula é absolutamente relevante para que se efetive uma educação libertária, considerando o que salienta Paulo Freire (2015, p. 42-43):

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento da necessidade de lutar por ela.

O professor, a pessoa, que não vivenciou alguma opressão social diretamente é capaz de perceber há muitas numa sociedade desigual como a

nossa, inclusive, se observar com atenção, poderá notar a interseccionalidade de opressões que sofrem as meninas, as mulheres negras, por exemplo. A obra de Guimarães poderá proporcionar não apenas o exercício de alteridade e empatia com a causa do oprimido como também o de perceber se ele (a) mesmo não é, em algum momento, agente dessas opressões. A partir dessa experiência que pode alterar muito sua postura diante do trabalho e da vida, ocorrerá uma autolibertação e, conseqüentemente, a melhoria de sua *práxis*, com a qual aprenderá mais e sempre.

Temas como racismo, gênero e classe são abordados nos contos de **Leite do peito** e de **A cor da ternura**, por meio da personagem Geni, que percebe, já na infância, que a negritude a diferencia das outras crianças, que o peso da cor e da condição social trazem conflitos internos devido aos preconceitos experimentados na convivência com outras pessoas e que também por ser do sexo feminino encontra limitações impostas pela sociedade que cria expectativas de gênero, por exemplo, quando a personagem, ainda menina pergunta ao pai sobre o que poderia ser quando crescesse, após terminar de ler para ele (analfabeto), a seu pedido, sobre as façanhas futebolísticas e o sucesso de Pelé:

Quando terminei a leitura, ele disse:

_ Benza Deus. Você viu só, minha filha? Era assim como nós. O pai dele é que deve não caber em si de orgulho. Vendo um filho assim, acho que a gente até se esquece das durezas da vida.

Deu um suspiro comprido e acrescentou:

_ Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...

Senti uma pressão tão grande do meu velho, que nem pensei para perguntar:

_ Pai, o que mulher pode estudar?

_ Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.

_ Vou ser professora – falei num sopro.

Meu pai olhou-me como se tivesse ouvido blasfêmias.

_ Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra eu morrer no cabo da enxada. – Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta.

_ É, pai. Eu vou ser professora.

Queria que ele se esquecesse das durezas da vida (GUIMARÃES, 2018, p. 68-69).

Nota-se, em passagens como essa, que a autora aponta, para além de casos de exceção como o de Pelé, a educação como o caminho para a

superação das dificuldades, ao mesmo tempo que expõe liames que imbricam as opressões de que é alvo, e que atingem grupos que formam a maioria em número no Brasil. Com maestria, leva o leitor a perceber o que afirmou Freire (1996, p. 39-40) quando trata da necessária rejeição a discriminações injustas na prática de ensinar: “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 1996, p. 39-40).

Negritude, ternura e resistência em uma prosa abrangente

Geni Guimarães apresenta em sua prosa uma temática negra, com o objetivo da valorização da cultura afrodescendente. O conjunto de sua obra é composto de poesias, contos e literatura infantojuvenil. Segundo Lima (2009, p. 65), a autora é contra a ideia de que sua produção literária seja destinada apenas ao público infantojuvenil, pois espera que seja lida por pessoas de quaisquer idades, basta que se saiba ler. Talvez essa classificação de público esteja relacionada aos contos porque neles haja uma predominância de experiências vividas durante a infância da personagem/autora, mas que, na verdade, atingem todos os públicos, até porque em **A cor da ternura**, por exemplo, há narrativas de formação, que vão dos tempos da primeira infância ao exercício da profissão de professora e de escritora da narradora.

Nessa premiada obra, a abrangência já se pode perceber pela linguagem. Sobre essa linguagem literária acessível de Geni Guimarães, participando do documentário produzido para a *Balada Literária 2020*, que a escolheu como autora homenageada, Conceição Evaristo, um dos maiores expoentes da literatura brasileira, contemporânea e amiga de Geni, comenta: “Uma linguagem muito próxima da oralidade, mas muito bem cuidada. A maneira de ela ser, a maneira de ela dizer, é a maneira de ela escrever”. (EVARISTO, 2020).

Em uma das primeiras passagens de “Primeiras lembranças”, de **A cor da ternura** (2018), também constante em **Leite do peito** (2001, p.16-17), quando a personagem criança, muito apegada à mãe, ainda mamava no peito, mesmo já crescadinha, quando cheia de alegria ouve a mãe dizer que a ama “do tamanho” da extensão de seus braços abertos, em meio a trovas e ternas brincadeiras, há o seguinte diálogo:

_Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?
_Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: _ Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta...
Repentinamente paramos o riso e a brincadeira. Pairou entre nós um silêncio esquisito.
Achei que ela estava triste, então falei:
_ Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Nunca, nunquinha mesmo, tá?
Daí ela fingiu umas palmadas na minha bunda, saiu correndo pelo quintal afora.
_ Quem chegar por último vira sapo da lagoa.
Corri também, dando largas passadas, tentando pisar no rastro dela (GUIMARÃES, 2018, p.10-11).

Nesse trecho, em que se apresenta a fortíssima relação entre mãe e filha, a qual se estenderá por toda a vida da *autora*, já que se trata de uma obra de cunho autobiográfico, percebemos as marcas da oralidade presentes, natural numa conversa íntima de mãe e filhinha, num dos momentos de amamentação (que se estendeu para além da fase de bebê, o que é mais raro hoje em nossa sociedade, mas ainda comum em famílias do interior e também uma relação muito próxima à maternagem em culturas africanas e suas fortes ligações familiares).

Essa proximidade das duas é realçada à percepção do leitor por meio da proximidade do mesmo com a linguagem utilizada na narrativa. Há uma ternura presente nas palavras que se estende nas entrelinhas e culminam em pura poesia, como ocorre adiante nesse texto, como transcrevemos a seguir:

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Ia e vinha.
Eu também ia, eu também vinha.
Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltava feliz dentro do peito.
Eu baixava a cabeça e fechava os olhos. Revivia o riso dela mil vezes e à noite deitava-me mais cedo para pensar no doce cheiro da terra e mãe (*Ibidem*, p. 13).

Nesse excerto, é possível constatar o que analisamos acima com relação à linguagem que promove a proximidade e se desfecha em poesia, por meio de expressões como “bebendo seus gestos”, “meu coração saltava feliz dentro do

peito”, “Revivia o riso dela mil vezes” e “no doce cheiro de terra e mãe”. Há uma sequência de figuras de linguagem – sinestésias, prosopopeia, hipérbole e metáfora – que, numa gradação, se orquestram e promovem o ápice na expressão “terra e mãe”: Mãe, o porto seguro; a segurança, o afeto, a ternura – e por que não estender aqui o sentido à África, terra-mãe.

A partir de reminiscências da infância, a autora constrói narrativas nas duas obras mencionadas, que traduzem o mundo íntimo de uma criança que se sente solitária e triste com a possibilidade, em sua inocência, de perder a mãe, por achar que a mesma estava doente, quando na verdade estava grávida, por isso tendo criado subterfúgios para deixar de amamentá-la.

Em um dos momentos de reflexão da narradora, ela, por meio da narradora personagem, expressa o pensamento da criança, explanando:

Desesperei-me.

Precisava achar alguém para saber se ela estava para morrer.

Precisava saber se quando mãe morre, a gente pelo menos pode morrer também.

Saí correndo quintal afora. Então, vi a Cema, minha irmã mais velha. Corri para ela. Sacudi-a fortemente. Perguntei, chorei, insisti, mas a Cema continuou comendo torrões e soltando a baba lamacenta pelos cantos da boca. No desespero havia esquecido que ela era excepcional, meu poema bobo.

Com meu vestido de florezinhas azuis, limpei sua boca e, agarrada a suas mãos, esperei impacientemente alguém chegar. (*Ibidem*, p. 14)

Nessa passagem é feita a menção a uma das mais belas marcas da obra e da vida de Geni Guimarães, que se trata de sua relação de profunda admiração e cuidados com sua irmã Cema, uma pessoa com deficiência, que hoje, aos setenta anos, vive com a autora e é, em suas palavras, sua “bússola”, seu “parâmetro”, sua “noção exata das respostas/ Vindas da boca do silêncio”, a quem ela dedica essas expressões em “Oferendas” (GUIMARÃES, 2001, p. 11) e em muitos dos seus escritos, como no conto “Fim dos meus natais de macarronadas” (*Ibidem*, p.27-31), um de seus mais contundentes textos de cunho político-social.

A imensa ternura expressa em suas narrativas por sua mãe, por sua irmã Cema e por toda a sua família, é também revelada em muitas entrevistas e depoimentos disponíveis na *internet*, na qual também temos o privilégio de

conhecer Cema, que participa do documentário produzido neste ano, no qual nos baseamos em vários momentos deste texto, constante em suas referências. A valorização da diversidade em Geni Guimarães se estende por muitos âmbitos, como podemos ver. Sua obra é um hino de louvor à diversidade e ao afeto entre as pessoas, sendo as mais simples as mais sábias, em sua concepção.

Há, ainda, no conto “Metamorfose”, de **Leite do peito** (2001, p.57-66), livro do qual foram extraídos cinco contos que também compuseram posteriormente **A cor da ternura** (2018), uma das passagens mais marcantes que tratam da questão da negritude e da rejeição da pessoa negra por sua cor devido aos preconceitos sofridos, que chegam a causar o “auto-ódio dos negros”, conforme expressão usada por bell hooks (2019, p. 46). Nesse, que é um dos relatos mais dramáticos da infância, a narradora, após sentir, na escola, a dor do preconceito, da humilhação que sofreu em sala de aula diante de uma explanação equivocada da professora sobre os negros africanos aqui escravizados, na qual minimizou a sua história, chega a casa e mutila-se com pó de tijolos triturados, esfregando-o em sua perna, na tentativa de tirar o negro da pele, até sangrar.

Em depoimento, Geni Guimarães comenta: “Eu tinha, em certos dias, uma certa angústia, uma certa tristeza, que, na época, eu não sabia dar o nome. Mas era o racismo, que eu já enfrentava na escola. Não tinha palavra de defesa [...]” (RODRIGUES, 2020). Como criança, ela sentia a dor diante do racismo, mas ainda não sabia, em sua inocência, nomeá-lo. É preciso evitar que outras crianças continuem sofrendo desse mal. Ao ler a obra e o depoimento da autora, como educador, é mister que o professor reflita sobre a imprescindibilidade de estar atento a manifestações racistas, denunciar essas práticas criminosas e orientar os alunos quanto a isso, como adverte Ribeiro (2019, p. 21-22):

Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos – mais grave é não reconhecer e não combater a opressão.

Por meio das poucas passagens aqui brevemente exploradas, pode-se pensar que são muito duras as narrativas em que a autora trata do racismo, mas o que se depreende de cada texto é a superação que ela promove a partir do conhecimento histórico que vai adquirindo e do orgulho de sua negritude. Há sempre uma mensagem positiva e de esperança, que permite ao leitor infantojuvenil ler sem desacreditar na vida e oportuniza aos leitores adultos aguçar ainda mais sua visão acerca de todos os temas sensíveis tratados por Guimarães com muita poesia, sutileza, mas também muita assertividade e potência. De modo que suas obras podem ser trabalhadas por professores de variados níveis, desde o Ensino Fundamental à Pós-Graduação, abordando-a da forma mais apropriada com cada grupo, naturalmente.

Corroborando essa possibilidade ampla de abordagem literário-pedagógica, abordamos também neste estudo os livros infantojuvenis **Aquilo que a mãe não quer** (2014) e **O pênalti** (2019). O primeiro trata de temas muito caros à Educação como o meio ambiente, a amizade e o respeito. Trata-se de uma narrativa que traz dois meninos como protagonistas. O livro entremeia texto verbal em prosa com belíssimas ilustrações de fotografias de crianças, sendo na maior parte das páginas assim como na capa, os dois meninos – um negro e um branco, que dividem espaços igualitários em toda a extensão da obra, e também de uma menina, além de materiais recicláveis e brinquedos criados por eles a partir do reaproveitamento do material descartado, ao mesmo tempo que o enredo remete a mensagens de respeito aos mais velhos, aos que mais precisam e à natureza, entre outros temas que emergem no decorrer da leitura, como relações comerciais, generosidade e parceria.

As expressões das crianças nas fotografias compõem a beleza da obra de modo que se constrói uma poesia tanto na prosa como nas imagens, que se complementam, como se pode ver, por exemplo, nas páginas 26 e 27, que, assim como as outras, são acopladas, o que facilita atrair o olhar dos pequenos leitores. Reproduzimos aqui o texto dessa passagem:

Os três, rapidinho, trouxeram os alimentos para o asilo. Já estavam se despedindo, quando Bilico vibrou com uma nova ideia.

_ Seu Lucas, quando o senhor usar as coisas que prestam, dá para nos doar as coisas que não prestam?

_ As coisas que não prestam??? – espantou-se o bom homem.

_ É – confirmou Bilico – tipo... sacos plásticos, caixas vazias, os papéis dos sabonetes... Daí foi que seu Lucas não entendeu mais nada mesmo, mas prometeu fazer o que o menino *pedia* (GUIMARÃES, 2014, p. 26-27, grifos nossos).

Nesse trecho, é possível perceber a musicalidade presente na prosa e até mesmo na rima que grifamos, reforçando, na linguagem verbal, a poesia presente no olhar e no sorriso das duas crianças (os dois meninos) que estampam as extremidades da página com fundo colorido de um vermelho radiante. É importante destacar a figura desses dois meninos, sempre dividindo os espaços equitativamente, com muita amizade e respeito, criando e crescendo juntos na narrativa, mediante a preocupação da autora quanto a educar para o antirracismo, tendo como alvo as crianças negras, que sofrem o racismo, e as brancas, que o praticam (devido ao meio em que estão inseridas), mesmo sem saber o mal que fazem (RODRIGUES, 2020).

O pênalti (2019) marca o retorno de Geni Guimarães à produção literária após um hiato de vinte anos. O livro conta a história também de dois meninos, irmãos, ambos negros, inseridos numa família em que, com seus pais, o amor e o respeito são pilares, assim como na família da autora (quando casada nesse ponto, mas também quando solteira), na qual sempre se inspirou. Importa aqui frisar essa imagem de família negra unida e harmoniosa que Geni Guimarães retrata em seus livros, ao contrário das telenovelas, por exemplo, ou de outros livros em que não há representatividade negra na autoria, em que as personagens negras geralmente aparecem subalternizadas e sem laços familiares.

A história dos irmãos que disputam entre si um campeonato de futebol na escola, em que estão em times adversários, mas que, ao final, os laços de amor familiares falam mais alto, é muito bem construída, com subjetividades, nomes e referências a líderes africanos.

A narrativa ágil, que facilita o interesse das crianças e adolescentes, assim como leitores de quaisquer idades, é muito bem ilustrada, com ênfase no verde-grama, que remete o leitor, ludicamente, a um campo de futebol. Há também, nesse colorido, espaços vazios em torno das palavras, de modo a respeitar o olhar da criança, ficando esses como espaços livres, para ali entrar a sua

imaginação. Tendo mais uma vez a ternura como cerne, esse livro, assim como toda a obra de Geni Guimarães, numa prosa cativante, desperta, em quem a lê, a beleza e a necessidade de conhecer nossas origens afro-brasileiras e suas heranças, e, ainda, a urgência de reconhecer a permanência das desigualdades históricas e a resistência no presente, visando à construção de um país mais justo e igualitário.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 15 dez. 2020.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. rev. E atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 2. ed. – São Paulo: FTD, 2018.

GUIMARÃES, Geni. **Aquilo que a mãe não quer**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito: contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

GUIMARÃES, Geni. **O pênalti**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Sthepanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. 2009. 172 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Teorias Literárias e Literaturas, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Rodrigues, Day. **Geni Guimarães**. 2020. Documentário. Disponível em: <https://dayrodrigues.com/geni-guimaraes>. Acesso em: 20 de nov. 2020.